

# CONTOS, MINICONTOS E POEMAS INFANTOJUVENIS

VOL. II



**ADEMIR PASCALE**

ORGANIZADOR

# **ADEMIR PASCALE**

## **ORGANIZADOR**

**Copyright © por Autores**  
**Projeto editorial por Ademir Pascale**  
**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores**  
**Obra protegida por direitos autorais**  
**2021**  
**Patrocínio:**  
**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

**CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS, MINICONTOS OU POEMAS**

**Infância, por Ciça Ribeiro, pág. 05**

**O avesso englobou meu quarto, por Ciça Ribeiro, pág. 08**

**As travessuras de Dedê, por Denise Peres Martins Rezende, pág. 11**

**Charles, por Géssica Maria Menino, pág. 15**

**No reino de Astradã, por Iraci José Marin, pág. 18**

**A poça d'água, por Luiz Fernando Abreu Araújo, pág. 22**

**Ghwyee náa pεε milak, por Obam ε Edhuu, pág. 24**

**Vó Maria, por Regiane Silva, pág. 27**

**A amiguinha Olívia, por Roberto Schima, pág. 32**

**A menina flor, por Tânia Costa, pág. 35**

**A cidade dos hipopótamos azuis, por Thithi Johnson, pág. 39**

**A luz de uma estrela, por Zodja Rego Barros, pág. 43**

**Conheça outros títulos da coleção, pág. 46**

**Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale**

**E-mail: ademirpascale@gmail.com**

**VISITE:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

**[www.instagram.com/revistaconexaoliteratura](http://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)**

**[www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura)**

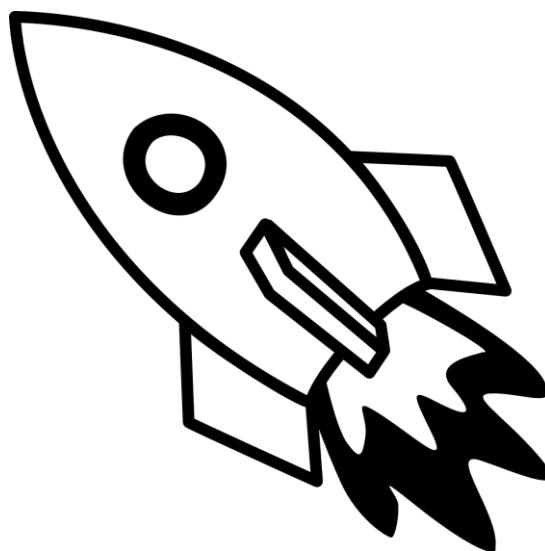


## **Para ir à Lua**

**Enquanto não têm foguetes  
para ir à Lua  
os meninos deslizam de patinete  
pelas calçadas da rua.**

**Vão cegos de velocidade:  
mesmo que quebrem o nariz,  
que grande felicidade!  
Ser veloz é ser feliz.**

**Ah! se pudessem ser anjos  
de longas asas!  
Mas são apenas marmanjos.  
— Cecília Meireles**





APRESENTAMOS O POEMA  
**INFÂNCIA**

Por **Ciça Ribeiro**

**Sobre a autora: MARIA CECÍLIA RIBEIRO DOS SANTOS ASSAD, nome literário CIÇA RIBEIRO, é bacharel em Direito e escritora de livros infantojuvenis, poemas, contos e romance. Membro da AILB e da AIML. Possui três livros infantojuvenis: As pontes mágicas de Clementina, The Magical Bridges of Clementine e Uma experiência diferente. Em formato e-book possui 15 livros infantojuvenis. Participa de Coletâneas Poéticas e Concorreu ao Prêmio Sesc de Literatura 2021, Romance. O conto "Doce Bombom", foi vencedor em concurso literário de contos "Verão com histórias" da "Mala d'estórias", sede em Portugal.**

Durante a noite os sonhos espreitam meus olhos entreabertos  
Atrás da cama sinto os seres e criaturas no aguardo

Vultos sem olhos e macabras figuras de ossos partidos sem pés nem cabeça  
São meus caminhos perdidos

Do escuro do canto ouço gemidos  
Chamam-me em altos brados  
Venha logo, meu amigo!

Suspiro mil vezes  
De pálpebras caídas sigo até o infinito  
Com arco e flecha muno minhas mãos  
Atravesso desertos, dunas e oásis  
Faminto e gelado  
Sob céu estrelado durmo extenuado

Miragem de tendas em círculo permeiam meus pés fatigados

Junto às pálpebras meu corpo caído  
Resguardo o sono  
enquanto percebo camelos por perto  
Já no infinito

O arco e a flecha aperto ao peito  
Ligeiro levanto-me  
No dorso do animal  
Armado e atento sigo

Não avisto nada

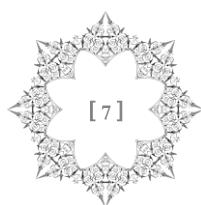
Apenas estrelas que cobrem as tendas, as dunas e o ar que respiro

Juntam-se aos sonhos

Espreitam alinhadas no aguardo

Já os vultos e figuras macabras de estrelas se vestem

Sigo acordado de pálpebras caídas pela infância infinita.





APRESENTAMOS O POEMA  
**O AVESSE ENGLOBOU MEU QUARTO**

Por **Ciça Ribeiro**

**Sobre a autora: MARIA CECÍLIA RIBEIRO DOS SANTOS ASSAD, nome literário CIÇA RIBEIRO, é bacharel em Direito e escritora de livros infantojuvenis, poemas, contos e romance. Membro da AILB e da AIML. Possui três livros infantojuvenis: As pontes mágicas de Clementina, The Magical Bridges of Clementine e Uma experiência diferente. Em formato e-book possui 15 livros infantojuvenis. Participa de Coletâneas Poéticas e Concorreu ao Prêmio Sesc de Literatura 2021, Romance. O conto "Doce Bombom", foi vencedor em concurso literário de contos "Verão com histórias" da "Mala d'estórias", sede em Portugal.**



No armário os  
sapatos sem passos  
As calças sem alças  
balançam imitando o  
mundo  
Já de cabeça para baixo

Os braços das camisas  
cruzam-se  
Seus botões tanto faz,  
tanto fez  
Sem abraços e nem um  
pingo de suor  
Listradas ou não o rumo  
não têm

Os lenços tão lindos e  
esvoaçantes  
Em nós amontoam-se  
Acolhidos pelo descaso da  
rua  
Pescoços gélidos assim  
morrerão

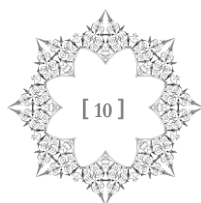
Ah! sandálias!  
Essas sim  
Alegres se calçam de pés  
murchos  
Os calos sarados

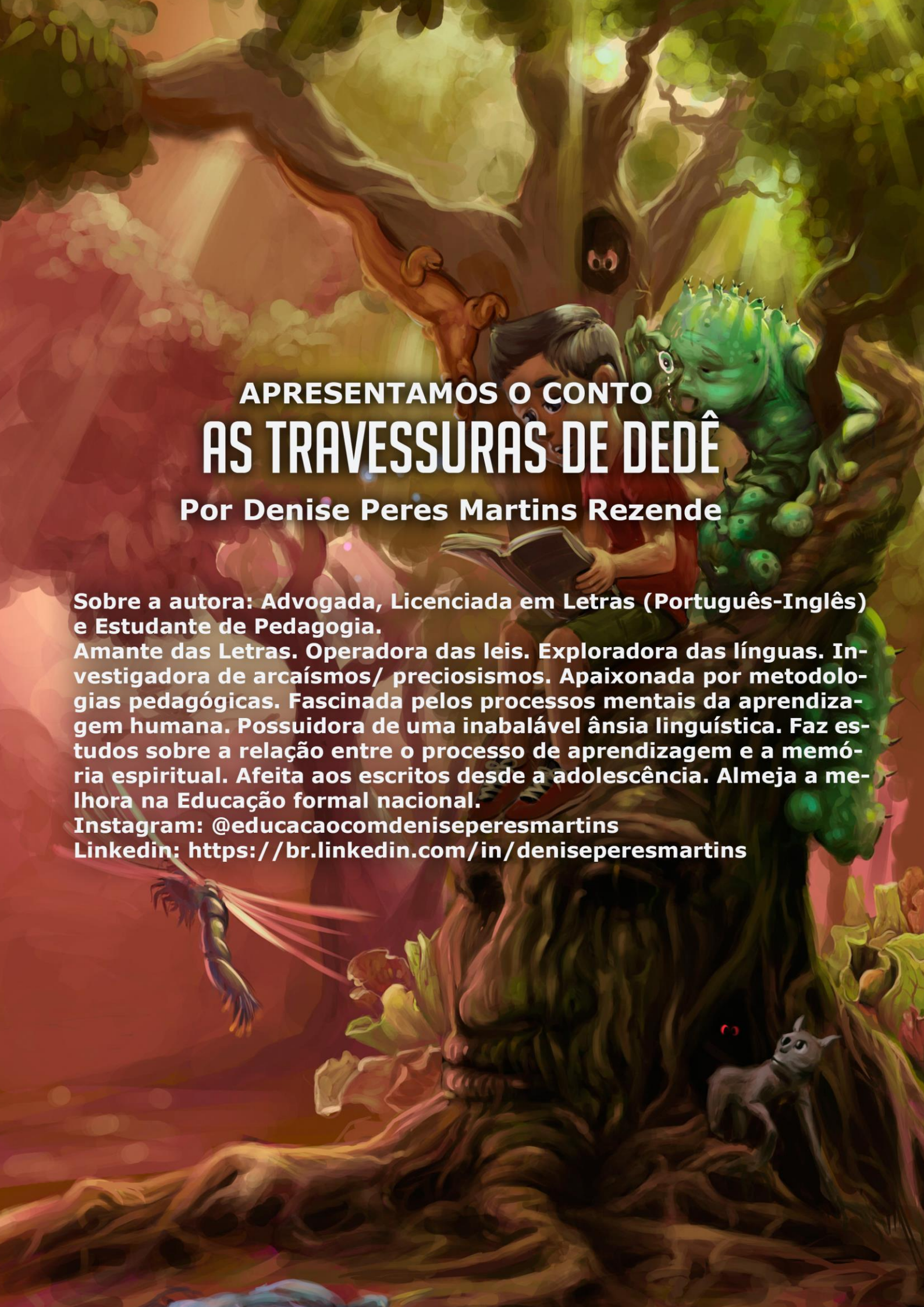
Sem hora de reaperto  
gargalham

Bermudas em festa  
Dia sim dia não  
Passeiam da varanda à  
cozinha  
Sem cabida inibição

A cadeira ao pé da cama  
E ao lado da pilha de livros  
Senta majestosamente  
Os reis desses tempos tão tristes

Pijamas desfeitos  
Na desordem da vida  
reclusa  
Disparatados das cores e  
estampas  
Nem ligam  
À vontade e abusados  
Pelo uso diuturno  
Embalam os meus sonhos.





# APRESENTAMOS O CONTO AS TRAVESSURAS DE DEDÊ

Por Denise Peres Martins Rezende

**Sobre a autora: Advogada, Licenciada em Letras (Português-Inglês) e Estudante de Pedagogia.**

**Amante das Letras. Operadora das leis. Exploradora das línguas. Investigadora de arcaísmos/ preciosismos. Apaixonada por metodologias pedagógicas. Fascinada pelos processos mentais da aprendizagem humana. Possuidora de uma inabalável ânsia linguística. Faz estudos sobre a relação entre o processo de aprendizagem e a memória espiritual. Afeita aos escritos desde a adolescência. Almeja a melhora na Educação formal nacional.**

**Instagram: @educacaocomdeniseperesmartins**

**Linkedin: <https://br.linkedin.com/in/deniseperesmartins>**

**E**ra uma ensolarada quinta-feira de Novembro, época em que Dedê sempre ficava feliz, pois em breve começaria a tão esperada férias de verão. Dede era uma menina de 6 anos que sempre se via em travessuras.

Em sua casa morava ela, sua irmã Kiki, seu irmão Leo, seus pais Rubens e Clotilde, sua vó Irene e a auxiliar do lar Maria Lucia que estava sempre por lá.

Fazia um calor escaldante em seu vilarejo, com dias estrelados e noites com sol. Anoteceu e Dedê perambulava pela casa vestida com sua camisolinha, e ouvindo canções no seu brinquedo musical. Era só puxar a cordinha, que já tocava o som de uma lúdica musiquinha. Era um momento de relaxamento. No entanto, toda hora era hora de planos mirabolantes no mundo de Dedê.

Dedê possuía os pés chatos como uma tábua e precisava vestir botas ortopédicas de couro para corrigir o arco dos pés. Ela não gostava. Ela não queria. Só pensava em ir para escola com sandálias plásticas dos personagens da moda, assim como suas amigas faziam. Foi quando uma estratégia quase perfeita veio à sua mente.

Ela pensou: — *Eu e minha irmã vamos vestir as botas ortopédicas normalmente na hora de ir para escola, assim a mamãe fica feliz. É só colocarmos em nossas mochilas as sandálias de plástico. Assim que chegarmos à escola nós trocamos os calçados e a mamãe nem vai perceber.*

E foi o que Dede fez, suggestionando sua irmã Kiki a fazer o mesmo. Ao adentrar à escola, Dede ficou toda satisfeita desfilando com sua sandália cor de rosa, modelo preferido das crianças. Nada de botinha ortopédica por aqui. Foi um dia alegre. Era hora de voltar para casa e Dedê estava radiante. Ainda mais que seus pais nem desconfiavam.

Ao entrarem em casa, sua mãe Clotilde olhou para os pés das filhas e notou as duas sem as botinhas e pensou — *Tenho certeza que as vesti com esses calçados antes da aula.* A mãe abriu as mochilas das meninas e encontrou as botinas ali armazenadas. O plano de Dede foi descoberto! Essa foi por pouco! Só faltou destrocá-los na volta! Por isso ele era um planejamento quase perfeito, lembra?

Todavia, isso não abalou Dedê. Ela continuou sua rotina com estripulias. Todo dia acordava cedo e ficava diante da TV assistindo listras coloridas até a nave rosa chegar. Programa infantil típico da época. Entretenimento garantido.

Dedê dançava e cantava em cima da mesa. Era um show! Sua voz esganiçada não ajudava. Na verdade quase quebrava os cristais da casa com sua melodia. Entretanto, havia muita graça em seus passos, e os adultos não conseguiam ficar bravos com ela.

Ela adorava passear a pé pelo bairro. Seu pai trabalhava muito, dia e noite, para prover as contas da casa. Logo, os passeios mais rotineiros eram com sua mãe e irmã. A bomboniere “Doce Vida” era seu point favorito. Quantas memórias açucaradas vinham de lá. Sua alma de formiga, com sangue de leite condensado tinha destino certo.

Um dia Dedê, sua irmã Kiki e sua mamãe foram ao açougue da vizinhança comprar carne para fazer o prato predileto de Dede, strogonoff de carne. Kiki não gostava dessa comida. Aliás, ela comia pouco, falava pouco, e reclamava menos ainda. Porém, para a tagarela Dede essa refeição era felicidade certa.

Dona Clotilde era uma mãe orgulhosa. Sempre vestia a corrente dourada com 2 pingentes de menina e 1 pingente formato de menino, representando seus queridos filhos. Dede apelidava essa corrente de “os menininhos da mamãe”.

Na volta do açougue aconteceu tudo muito rápido. Um moço malvado passou, levou a corrente da dona Clotilde, e derrubou a carne no chão. As três voltaram apressadas e assustadas para casa. Dede passou o caminho inteiro dizendo: — *Por que o moço levou os menininhos?* Sua mãe em estado de choque não respondia.

O pai de Dede estava no trabalho. Dona Clotilde contou o que aconteceu discretamente para sua mãe (vó Irene), e para as visitas que lá estavam as quais vieram para se deliciar com o almoço planejado. Todos ficaram preocupados, pois a Dedê tinha a língua mais comprida da cidade, e se ela contasse o que aconteceu ao papai, ele não permitiria mais que elas saíssem sozinhas.

Então o público adulto presente pensou: — *Vamos orientar Dedê sobre o que falar e o que não falar quando o pai dela chegar.*

E elas disseram para Dedê: — *Quando o papai chegar, você não fala nada para ele sobre o bandido que roubou a corrente de ouro. OK?*

Essa fala se repetiu umas três vezes, a fim de que a menina peralta compreendesse bem a instrução. Dedê aceitou a orientação familiar, e prometeu não falar nada de bandido nem de corrente de ouro ao papai.

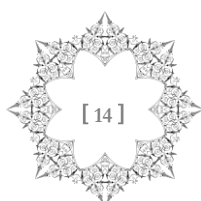
Enquanto o papai não chegava, a conversa na ala adulta feminina girava em torno do “descarado”. Diziam: — *Aquele homem é um descarado. Que desrespeito com uma mãe de família.* A outra dizia: — *Bota descarado nisso.*

Dedê ouvia tudo enquanto brincava com suas bonecas.

Poucas horas mais tarde seu pai regressou ao lar. Dedê correu para os braços dele. Era uma menina festiva e calorosa. Contou para ele sobre a escola e os novos amigos, até

que seu pai perguntou se tinha alguma novidade. Então Dedê respondeu: — *Sim. A novidade é que o moço na rua levou os menininhos e derrubou a carne do meu strogonoff no chão. Um “descaiado”.*

Todos olhavam chocados: - *Mas, como?* E pensaram: - *Orientamos tanto a Dedê!* Elas se esqueceram de um mero detalhe. Dedê não sabia o que era bandido nem corrente de ouro. Todavia, “os *menininhos da mamãe*” ela conhecia bem, assim como a nova terminologia aprendida nessa lição: “o descarado”. O vocabulário utilizado pela família para orientar Dedê não era apropriado ao seu mundo, onde bandidos inexistem nas ruas de açúcar da sua vila estrelada. Mas, se ela encontrar de novo o descarado, a Dedê jura que o afoga num rio de leite condensado.



A vibrant, stylized illustration of a young boy with dark hair, wearing a red t-shirt, sitting on the ground and reading an open book. He is surrounded by a lush, fantastical forest. A monkey is seen hanging from a tree branch above him, and a large, green, spiky creature with a face is perched on a tree trunk to his right. Sunlight filters through the dense canopy of trees, creating a warm, golden glow. The overall style is painterly and whimsical.

# APRESENTAMOS O POEMA CHARLES

Por Gécica Maria Menino

**Sobre a autora: GÉSSICA MENINO, uma das vencedoras do concurso literário nacional "Novas Contistas da Literatura Brasileira", pela Editora Zouk, com o conto "As curvas do tempo", publicado em 2018 e uma dos ganhadores do Concurso Literário Internacional da Academia Fluminense de Letras 2018, na modalidade conto, com o texto intitulado: "A vida de um casal de professores". Autora do conto "Sem perder o ritmo", publicado em 2020 na antologia "O lado poético da vida" e autora de dois poemas publicados pela 12ª edição da Revista Inversos "Eis O Verão" e "O Sublime" em 2020. Acadêmica Correspondente à Cadeira 239, da Alpas 21 (Academia Literária Internacional), tendo como conto em destaque "A maçã reluzente". Autora dos poemas "Seu Nome" e "Isolamento Social" na Antologia Poética "Só depende de mim", publicada pela Revista Inversos em 2020, poemas a respeito de COVID-19 e autora do poema "Bem-vindo, Christopher!", publicado através do Podcast "Toma Aí Um Poema" em 2021. Assim como, autora de três poemas: "Dália"; "Uma alma de menino", "Mãe, já tô online!", publicados na antologia poética "Na Força, no Grito, na Palavra Persistimos", através do Podcast "Toma Aí Um Poema" em 2021. Autora do conto "Para se Pensar", publicado na edição de agosto pela Revista Conexão Literatura em 2021.**

Charles, menino esperto e danado,  
Corre para todo lado.  
Charles, se esconde aqui, se esconde ali,  
Como adoraste, brincar, meu querido Charles.

Como trouxeste esperança no pouco tempo que ficaste.  
Conseguiras o transplante que tanto precisaste.  
Com muito amor e carinho nos encantaste.  
Como deixaste imensas saudades.

Combatera o vírus até seu último suspiro, ainda  
Convalescendo do transplante de rins, foste  
Contaminado pela Covid-19,  
Com esperança de recuperação o vírus lhe atacara.

Como se fosse um anjo nos deixara,  
Com lágrimas despejadas incansavelmente.  
Com apenas cinco aninhos foste habitar o céu.  
Céu azul e estrelado onde hoje és mais uma estrelinha.

Com muito amor no coração e lágrimas de  
Consolação, de ti nos despedimos, mas nos recordamos.  
Como um anjo que nos foste e nos visitasse, vivia mais  
Conosco no hospital, do que em casa, agora podes repousar-te.

Como um anjo...A chuva cai, o vento assopra, o céu azul.  
Corro até a janela, pois o vento está forte.  
Como se um vulto de criança ou de anjo avistasse,  
Com intenso devaneio volto a dormir.

Charles, sonhei contigo, que Deus o tenha.  
Com muitas dúvidas no peito, talvez, o tenha visto.



Cumes, montes e montanhas, correm nuvens brancas,  
Cristo um dia habitou a terra. Monte do Calvário.





# APRESENTAMOS O CONTO NO REINO DE ASTRADÃ\*

Por Iraci José Marin

**Sobre o autor: IRACI JOSÉ MARIN** reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado, advogado. Publicou obras de ficção, além de artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Acaba de lançar "Histórias de Ontem" - destinado para o público infantil e juvenil.

\*A crença do poder afrodisíaco da romã é secular. Os gregos antigos a consagravam à deusa Afrodite (deusa do amor, da beleza e da sexualidade), e tornou-se símbolo do amor e da fecundidade.

O palácio do rei de Astradã ficava numa colina, de onde os habitantes podiam observar a extensa planície árida e pedregosa ao seu redor.

Num final de tarde, as sentinelas viram um casal aproximar-se do palácio pelo caminho do sul. O casal chegou até a grande porta de madeira, disseram que eram malabaristas e queriam fazer um espetáculo para o rei em troca de comida e cama para aquela noite. No dia seguinte seguiriam para outro reino.

As sentinelas conduziram-nos até o rei. Vendo-os maltrapilhos, fez pouco caso. Mas eles pediram licença para fazer uma demonstração. A contragosto, o rei concedeu a licença. Eles começaram a jogar meia dúzia de maçãs para o alto, alternadamente e sem deixá-las cair; às vezes, trocavam as frutas entre si ou mudavam de posição, de modo que o espetáculo tornou-se interessante.

O rei ordenou que trouxessem a rainha e suas damas de companhia para verem o espetáculo da dupla. Repetiram o número. Depois, o homem fez sair uma longa fita colorida da orelha da mulher. O rei riu gostosamente. Ainda saltaram um sobre o outro, plantaram bananeira, assobiaram como um pássaro da região, e fizeram outros malabarismos. Por fim, cantaram uma canção em sua língua e explicaram que ela falava de amor. O casal real aplaudiu.

O rei então falou:

— Quero agora que vocês apresentem alguma coisa estupenda.

O homem então simulou engolir um punhal, para horror da rainha e de suas damas de companhia.

— Muito bem — disse o rei, aplaudindo; ordenou que dessem comida e bebida para eles e um lugar para dormir.

Em companhia de alguns guardas e serviçais do castelo, eles se fartaram de comida e de bebida. Conversa vai, conversa vem, alguém lhes perguntou de onde vinham e para onde iam. Disseram que tinham vindo de muito longe e iam para um reino ao norte.

Um dos guardas, no entanto, os reconheceu.

— Eu já vi vocês um dia em algum lugar, antes de servir ao rei – falou.

— A gente anda por aí, divertindo todo mundo com espetáculos.

— Vi vocês fazendo magia pra curar um homem com sarna – retrucou o guarda.

— A gente não faz magia, a gente faz mágica – disse o homem.

O guarda não falou mais nada. Mas depois que o casal se retirou, o mesmo guarda insistiu que eles eram curandeiros e não malabaristas. Já os tinha visto ganhando dinheiro com curandeirismo.

O chefe da guarda determinou que um guarda ficasse na porta do aposento deles. E foi comunicar o caso ao conselheiro-mor. Este decidiu interrogá-los no dia seguinte.

O conselheiro-mor conseguiu outras testemunhas, além do guarda. A prática de curandeirismo deles foi confirmada. O caso foi levado ao rei, que determinou a prisão dos dois. Foram trancados numa masmorra.

Uma janela da prisão dava para o horto do palácio e eles podiam ouvir conversas de serviçais que colhiam legumes ou frutas.

Certo dia, ouviram as serviçais comentarem que a rainha não tinha filhos porque não podia. Olharam-se e sorriram. Então bateram na porta e gritaram muito... até que o guarda abriu o visor e eles imploraram para falar com o conselheiro-mor. Passado um tempo sem resposta, novamente chamaram o guarda e disseram que eles podiam ajudar a rainha. Ele informou o conselheiro-mor, que foi até a prisão, e falou com eles. Imploraram para falar com rei.

O conselheiro-mor consultou o rei. Este ordenou que eles curassem alguns doentes do palácio para ele se certificar de que eram capazes de ajudar a rainha.

Uma serviçal, que sentia fortes dores na barriga, foi a primeira. Os curandeiros pediram algumas ervas, que indicaram, ordenaram fazer um chá para ela beber à meia-noite. Outra sentia dores de garganta e eles receitaram chá de certas ervas, com mel, que devia beber de manhã, ainda na cama. Chegou também um homem com uma ferida muito grande no dorso do pé. Eles pediram outras ervas, mandaram fazer uma compressa para aplicar na ferida várias vezes ao dia, até sarar.

Todos ficaram curados pouco tempo depois.

Quando o rei soube das curas, mandou que eles fossem levados até a sala do trono e lhes disse:

— A rainha não consegue me dar um herdeiro. Vocês devem resolver o problema, sob pena de serem chicoteados até a morte.

Os curandeiros pediram para irem até o horto. Acompanhados dos guardas reais, eles foram. Colheram muitas romãs maduras e fizeram suco com suas sementes, que o rei e a rainha deveriam tomar à noite.

Algum tempo depois, novamente foram chamados à presença do rei, que falou com incontida alegria:

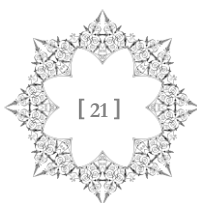
— A rainha vai me dar um herdeiro. Espero que seja homem.

— Majestade — falou a mulher —, se não for um homem o primeiro, pode ser o segundo, ou o terceiro... Agora a rainha vai lhe dar muitos filhos.

O rei obrigou-os a ficarem no castelo até o herdeiro nascer. Se não nascesse, seriam enforcados. Mas, para a felicidade do casal real e de todo o reino, no final daquele ano o herdeiro nasceu.

O casal real ficou tão feliz que permitiram a permanência dos curandeiros permanecerem no castelo, a curar guardas, serviçais e camponeses. Às vezes, faziam algum espetáculo de mágica e malabarismo.

Depois de consultar a rainha, o rei anunciou que, daquele dia em diante, a romã seria o símbolo do reino de Astradã.





**APRESENTAMOS O MINICONTO**  
**A POÇA D'ÁGUA**

**Por Luiz Fernando Abreu Araújo**

**Sobre o autor: Luiz Fernando Abreu é carioca e tem 66 anos. É Mestre em Educação, pedagogo e professor de Sociologia, Filosofia e Biologia.**

**Aos 15 anos publicou seu primeiro livro, *Adolescência Romântica*, de poesias. E hoje, ele conta com 16 livros publicados nos gêneros infantil, juvenil, romance e humor.**

**Em sua obra destacam-se *O Milagre de Natal*, *A Ciência do Amor* e *Moleque Cidadão*, adotados em inúmeras escolas do país.**

**E**u ia por meu barquinho de papel numa poça d'água quando me assustei:  
— Que fracasso! — ela dizia. — Vim do céu para ser importante e acabei virando uma poça!

Confesso que fiquei muito triste, mas como tinha uma grande razão para consolá-la, disse a ela na mesma hora:

— Você é água, e a água é uma das coisas mais importantes da vida!

Mas, infelizmente, me ignorou.

À noite, percebendo que o céu ficou estrelado, e a vaidosa lua cheia admirou-se nela, não hesitei:

— Que luxo, dona Poça! Ser o espelho da lua é privilégio! — disse imediatamente.

Mas também foi inútil.

— Daqui a pouco amanhecerá, e não terá mais lua. Logo, voltarei a ser a mesma poça! — lamentou de novo.

Na manhã seguinte, porém, vendo da minha janela os pássaros banharem-se felizes em suas águas, insisti:

— Viu só, dona Poça! De inútil a senhora não tem nada. Ser uma piscina para eles é muito importante!

Mas, como era cabeça dura mesmo...

— Logo, todos eles voarão, e tornarei a ser essa pobre poça! E o pior — disse ainda —, é que o sol vai me secar e, breve, nem poça serei mais!

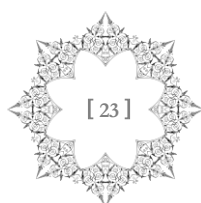
Hoje, voltou a chover. Mas, quando o tempo se abriu e eu cheguei na janela, qual não foi minha surpresa ao rever a dona Poça. E estava tão radiante que até fazia marolas!

— Posso saber o porquê da euforia? — perguntei, imediatamente, curioso.

— É que descobri que sou renovável! Que subindo ao céu, transformando-me em nuvem, e caindo novamente como chuva, sou eterna! Além disso, ser o espelho da lua e a piscina dos pássaros me fará muito importante — ela disse.

E incontida de felicidade, voltou-se para mim, e concluiu:

— Quanto a você, meu amiguinho, venha logo brincar comigo porque estou ansiosa para ser o mar do seu barquinho de papel.





APRESENTAMOS O POEMA

# Ghwyee náa pεε milak

Por Obam ε Edhuu

**Sobre o autor:** Obam ε Edhuu, nascido em Makokou (Gabão), é kueléfono, kotáfono, francófono, e estudante gabonês no Brasil. Tem formação em Letras Português-Inglês na Universidade Federal de Pelotas (2016-2019). Atualmente mestrando em Letras (Estudos da Linguagem) na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Além de escrever poemas em francês, português e inglês, escreve também poemas em línguas africanas para a divulgação do lirismo e das filosofias ancestrais africanos.



### **Ghwyee náa pɛɛ milak**

Ghwyee, soam  
Inɛk mbi iyem ye ɛ ye?  
Wɔ aa gwak mɛkoozi bi djoo mina?  
À kwyee, bita mam gwyem  
Dhaa mɛ nɛ idee mɛ dɛk

Kwyee, soam  
Zɛ djɛ wɔ inɛk mbɛɛ kwoor?  
Tok mɛ ná baa lɛɛ wɔ náá  
Zɛɛb bi djoo mina?  
Kwyee, soam  
Inɛk wɔ di nɛ ye kɔ lo ye ɛ ye?  
Djɛ mɛ, iye  
Tok mɛ ná baa lɛɛ wɔ náá  
Zɛɛb bi djoo mina?

Djhok ɛtɔ daa lɛ  
Nyɛ nii djɛ dɔɔ mam  
Wɛn,  
Zɛɛb i duwal ɛbɛ ɛ lɛ

### **Le sanglier avait refusé les cornes**

Sanglier, mon ami  
Pourquoi te comportes-tu ainsi?  
N'entends-tu pas le roi qui nous appelle?  
Ah gazelle, laisse-moi tranquille  
Apporte-moi les mets

Gazelle, mon ami  
Qui t'a donné cette belle peau?  
Ne t'avais-je pas dit  
Que le Créateur nous appelait?  
Gazelle, mon ami  
Qu'as-tu là sur la tête?  
Donne-moi, je t'en prie  
Ne t'avais-je pas dit  
Que le Créateur nous appelait?

Allons chez lui  
Pour qu'il me donne, à moi aussi  
Cher ami  
Le Créateur ne reçoit plus

### **O javali tinha recusado chifres**

Javali, meu amigo  
Por que te comportas assim?

Não ouves o rei nos chamando?  
Ah, gazela, me deixa em paz  
Só traze a comida

Gazela, meu amigo  
Quem te deu essa pele bonita?  
Não tinha falado  
Que o Criador nos chamava?  
Gazela, meu amigo  
O que tu tens na cabeça?  
Me dá, por favor  
Não tinha falado  
Que o Criador nos chamava?

Vamos à casa dele  
Para que ele me dê também  
Caro amigo,  
O Criador fechou a porta





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**VÓ MARIA**

**Por Regiane Silva**

**Sobre a autora: A autora nasceu na Cidade de Salto-SP, mas reside no Rio de Janeiro desde criança. É apaixonada por literatura nacional e estrangeira e não despreza nenhum gênero literário. Ela possui poesias, contos e microcontos publicados em antologias destinadas ao público infantojuvenil e adulto.**

**D**a noite para o dia, mamãe começou a trabalhar em casa. O novo coronavírus estava contaminando as pessoas. Todos deveriam ficar em suas residências para se proteger, mas papai, como outros trabalhadores, não pôde deixar de ir ao trabalho presencial.

Ele teve que enfrentar o transporte público lotado e aglomerações por onde passava. Por isso, colocava máscara no rosto ao sair de casa, carregava na mochila álcool em gel para limpar as mãos e máscaras limpas para trocar ao longo do dia.

Quando chegava do trabalho, ia direto para o banheiro que ficava do lado de fora de casa para tomar banho, trocar de roupas e sapatos. Nem no meu cachorrinho Pimpão ele tocava. Só depois de estar bem limpinho. O novo coronavírus não gostava de água e sabão. Escorria pelo ralo a cada banho.

Eu deixei de ir à escola. Fiquei feliz no início porque acordava tarde e podia assistir vários desenhos animados e ler muitos livros, mas ficar sem ver meus amiguinhos e professores foi chato.

Quando começaram as aulas online, fiquei feliz novamente. Podia conversar com meus amiguinhos, ver a casa deles, conhecer seus familiares, brinquedos e bichinhos de estimação.

Mas, de todas as coisas que me aconteceram, uma bem legal foi poder brincar todos os dias no balanço que ficava no meu quintal.

Apesar do muro e da distância, era possível ver a janela da casa da vó Maria, pois a casa dela era mais alta que a minha. Cada dia eu usava uma máscara diferente para brincar no balanço só para receber elogios da vó Maria.

— Que linda menininha de máscara! — Dizia ela.

Eu ficava toda animada. Vermelha como um tomate. Eu tinha máscara de desenhos animados, princesas, heroínas, personagens dos meus livros favoritos, gatinhos e cachorrinhos. Uma mais linda que a outra!

Vou contar um segredo. A vó Maria não é minha vó de verdade, mas todas as crianças do bairro chamam ela assim. Ela prepara doces para vender no centro da cidade e distribuí alguns para a garotada do bairro. Eu já comi bananada, brigadeiro, beijinho, cajuzinho, cocada, marmelada e muitas outras gostosas guloseimas preparadas por suas mãos de fada.

No entanto, numa tarde ensolarada, ouvi a vó Maria tossindo bastante. Nesse dia, ela não fez doces e nem apareceu na janela.

No dia seguinte, vi a vó Maria triste apoiada na janela. Ela estava conversando ao telefone. O gato dela, o Tom, também parecia triste. Não senti cheiro de doces. Ela olhou pra mim com os olhos cheios de lágrimas, me cumprimentou com carinho, mas nesse dia, ela não elogiou minha nova máscara.

Eu queria perguntar se ela estava precisando de alguma coisa. A minha mãe disse que muitas pessoas estavam desempregadas, sem dinheiro e passando necessidades por causa da pandemia do novo coronavírus.

Entrei para falar com a minha mãe, mas ela estava conversando ao telefone com a minha tia. Dizia que uma vizinha estava doente, com o novo coronavírus, possivelmente, ela tinha contraído a doença dentro do ônibus lotado quando foi vender doces no centro da cidade ou quando foi ao mercado. Nesses espaços, algumas pessoas não usavam máscaras.

— Meu Deus! Será que é a vó Maria? Falei baixinho para não levar bronca da minha mãe que dizia que é feio ser bisbilhoteira.

Voltei ao balanço para poder falar com a vó Maria, ela sempre me ouvia chamar.

— Vó Maria! Vó Mariaaaa! VÓ MARIA! — Infelizmente, ela não respondeu.

Ouvi o som de uma sirene e fui para a porta da minha casa para saber o que estava acontecendo. Deu para ver a vó Maria se preparando para entrar na ambulância. Parecia bem fraca. Ela olhou para trás e deu tchau pra mim. Adivinhou que eu estaria ali. Saí da porta e andei até a varanda para gritar:

— Vó Maria! Eu vou cuidar do seu gato! Não se preocupe! Isso tudo vai passar! Você vai ficar bem! Todo mundo vai ficar bem!

Ela disse sim, com os olhos, pois a boca estava com a máscara e respirava com dificuldade. Devia ser por causa do novo coronavírus. A minha mãe disse que por causa dele algumas pessoas ficavam com dificuldade para respirar.

No outro dia, tentei brincar, mas o balanço perdeu a graça. O céu estava tão cinzento. Ver aquela janela fechada me fez chorar. Não sentir o cheiro dos doces me deixava triste.

Dias depois, fiquei mais triste ainda, pois a filha da vó Maria veio pegar o gato Tom que estava dormindo comigo no quarto. Ele gostou tanto! Fiz um apartamento para ele de quatro andares! Peguei as caixas de sapatos do meu pai. No início, o Pimpão ficou com ciúmes, mas depois ficaram amigos. O primeiro andar foi ocupado pelo Pimpão e os outros

andares pelo Tom. Gatos gostam de dominar os espaços. Era muito engraçado ver ele dormindo a cada hora num andar diferente.

A filha da vó Maria conversou um tempão com a minha mãe, uma bem longe da outra, do lado de fora da minha casa, por causa da pandemia, mas não pude ouvir a conversa. A minha mãe pediu pra eu ir pro quarto. Quando fui espiar pela porta, as duas estavam chorando.

Voltei para o quarto sem que elas percebessem. Chorei bastante. O que tinha acontecido com a vó Maria?

Dois dias depois que o gato Tom foi embora, vi uns homens estranhos entrando na casa da vó Maria. Eles levaram a cama, os armários, o fogão e até as panelas que a vó Maria fazia os doces! Corri rápido para falar com a minha mãe.

— Mãe! Uns homens estão levando coisas da casa da vó Maria! Onde ela está? Filha, ela está internada no hospital, em estado grave — a minha mãe respondeu tão baixinho que quase não ouvi. Depois disse:

— Não se preocupe filha. Ela vai ficar bem.

Comecei a chorar.

Eu quis acreditar, mas ouvi papai dizendo que muitas pessoas estavam morrendo nos hospitais por causa desse novo coronavírus. Que muitas pessoas não se protegiam e contaminavam outras pessoas, não lavavam as mãos, não usavam máscaras e se aglomeravam em festas, shoppings, praias.

Fui chorando para o meu quarto. Eu tinha que fazer um desenho de presente para a vó Maria, mas as lágrimas molharam o primeiro, o segundo, o terceiro... Todos os papéis! Desisti de desenhar, de sonhar.

Depois de uns meses sem doces e sorrisos, vi a janela da vó Maria aberta.

— Uhu! — gritei com muita alegria! — Vó Maria! Vó Mariaaa! VÓ MARIA!

Na janela, apareceu um moço. Era o entregador de móveis novos que disse que não conhecia a vó Maria. Os móveis eram de uma moça chamada dona Vanda.

Eu não conhecia nenhuma dona Vanda. Voltei para o meu quarto muito triste. Não falei nada com a minha mãe. Guardei a tristeza dentro do peito. Subi na minha cama e comecei a desenhar pra vó Maria. Um mundo cheio de animais, plantas e pessoas felizes. Sem doenças, sem esse novo coronavírus. Até coloquei o Tom e o Pimpão no desenho. Dessa vez, as minhas lágrimas não saiam dos olhos, mas escorriam no coração.

Deixei o desenho em cima da cama, pois escutei um barulho vindo do portão. Era a filha da vó Maria. O nome dela era Vanda. Dei risadas por ter esquecido o nome dela quando o entregador de móveis falou comigo.

Eu ia perguntar sobre a vó Maria, mas antes que eu chegasse na varanda, ela e a minha mãe começaram a chorar. O coração travou meus lábios. Não deixou a pergunta sair, pois eu não queria ouvir a resposta. Voltei para o meu quarto.

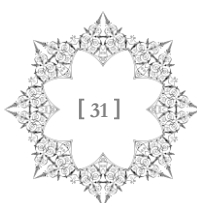
Depois de um tempo assistindo desenhos, fui ao balanço para sentar um pouquinho naquele espaço tão querido. Eu não queria brincar. Só pensar na vó Maria. Como ela estava? Será que saiu do hospital e estava se recuperando na casa da filha dela? Por que trocaram os móveis da casa dela? Será que compraram novas panelas para ela fazer as deliciosas guloseimas?

De repente, algo estranho aconteceu. Senti cheiro de doces e o meu coração pulou dentro do peito.

Da janela da casa da vó Maria pulou o gato Tom pra brincar com o Pimpão e apareceu, com um sorriso nos olhos, a vó Maria segurando o meu desenho. A minha mãe, sem que eu percebesse, o colocou em um plástico transparente, higienizou e entregou pra vó Maria o meu presente.

Atrás do desenho estava escrito: Não se preocupe! Isso tudo vai passar! Você vai ficar bem! Todo mundo vai ficar bem! Te amo vó Maria!

Abraços da sua amiga Vida.





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**A AMIGUINHA OLÍVIA**

**Por Roberto Schima**

**Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de mais de cem antologias. Informações: Google. Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br).**



**M**ariazinha resmungou vezes sem conta:

— Tô tisti!

Sua família ia a se mudar da casa grande e confortável em que viviam para outra menor, mais velha e feia.

— Crise econômica — explicou o pai.

Ora, o que isso significava para ela? Tinha só seis anos! Tudo o que sabia e importava era que nunca mais veria as suas amigas. Para piorar, a nova casa ficava em outro bairro, mais afastada de outras casas. Não teria ninguém com quem brincar.

— Num quero! — disse com toda a autoridade.

Foi solenemente ignorada.

Detestou a casa sem conhecê-la.

Quando viu, foi pior.

Dizer que era velha era pouco. Caía aos pedaços. Seu quarto era pequeno, pouco iluminado, piso de taco e cheirava esquisito.

— Num quero! — repetiu.

De novo, não foi ouvida.

Apesar da tenra idade, conheceu de perto a tristeza e a solidão. Da criança alegre e cheia de luz, sua fisionomia tornou-se sombria e a infelicidade tomou seu coração.

Os pais se comoveram, mas nada podiam fazer. Algum dia, talvez, quando a situação melhorasse.

Uma tarde, Mariazinha choramingava baixinho em sua cama, quando escutou um barulho. Ao se virar, levou um susto: tinha uma menina perto dela.

Como entrara na casa? Devia ter a mesma idade de Mariazinha, mas sua roupa era diferente, lembrava um dos vestidos da avó.

— Quem é você?

— Meu nome é Olívia.

— De onde você veio?

— Esta é a minha casa.

Mariazinha ficou confusa.

— É minha casa!

A outra menina ignorou e disse:

— Escutei você chorando. Por quê?

— Gostava da outra casa. Não tenho amigas pra brincar.

— Quer ser minha amiga? Também sou infeliz e sozinha.

De repente, a porta do quarto se abriu.

A mãe apareceu com um pratinho e um copo, ambos de plástico.

— Aqui tem bolo e leite pra você, meu bem.

— E pra Olívia? — falou Mariazinha.

— Quem?

— Minha nova amiga.

A mãe olhou na direção que a filha apontava. Não viu ninguém. Deu de ombros.

— Divide o seu com ela — e tornou a fechar a porta, sumindo atrás dela.

Mariazinha ficou sem entender a grosseria da mãe. Sequer cumprimentou Olívia.

Ah, e daí? O que importava era que, doravante, não ficaria mais sozinha.

Nos dias que se seguiram, seus pais ficaram aliviados ao ver que os queixumes da filha haviam cessado. Agora, ela passava horas e horas tagarelando em seu quarto, fingindo conversar com alguém. Ria, pulava, dançava, espalhava seus brinquedos no piso de tacos.

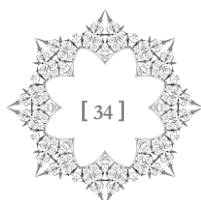
A mãe não se importava em arrumar a bagunça, desde que Mariazinha continuasse contente. Só ficou com a pulga atrás da orelha quando, certo dia, olhou para a lousa de brinquedo da filha. Ela já sabia escrever o próprio nome com giz. E lá estava ele: "Maria". Todavia, não foi a lousa, o giz ou o nome da filha que atraíram a sua atenção, mas o que havia mais embaixo.

Na pequena lousa, via-se claramente escrito: "Olívia".

Só havia dois pequenos detalhes:

1) Nunca a mãe ou o pai tinham ensinado Mariazinha a escrever o nome da amiga imaginária;

2) Ainda que o tivessem, aquela era uma caligrafia totalmente diferente da garatuja da menina.





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**A MENINA FLOR**

**Por Tania Costa**

**Sobre a autora: Tania Costa nasceu em São José do Norte, RS. Reside atualmente em Capão da Canoa, RS.**

**Escreve pequenos contos desde criança mas por motivos diversos só conseguiu realizar seu sonho de se tornar verdadeiramente uma escritora no ano de 2020, quando publicou seu primeiro romance A Fazenda das Borboletas pela Editora UNISV.**

**Seu segundo romance A Fazenda das Borboletas, Nas Asas do Amor está quase pronto. Recebeu este título não por falta de criatividade mas porque seus leitores pediram a continuação de seu primeiro romance.**

**O terceiro romance, Rumo ao Desconhecido já está sendo escrito.**

**A Menina Flor é um de seus inúmeros contos que nunca publicou, porém editou em casa e muitas pessoas o leram.**

**E**m uma cidade pequena morava uma família muito pobre, o pai, a mãe e cinco filhos, todos meninos, travessos e espertos. Durante muito tempo tentaram ter uma menina, mas só tiveram meninos, a mãe amava os meninos mas sentia-se triste por não ter uma menina para lhe fazer companhia, o pai estava muito doente, os meninos eram rebeldes e não obedeciam aos pais, não queriam estudar, os vizinhos reclamavam muito deles. Parecia que a vida era feita de tristezas e desilusões, haviam perdido a esperança de dias melhores.

Porém certo dia enquanto os meninos faziam a maior bagunça, a mãe pedia impacientemente que parassem e o pai sofria em seu quarto de dores muito fortes, ouviu-se uma batida na porta. Todos ficaram quietos esperando a mãe abrir. Antes mesmo de abrir sentiram um cheiro forte e agradável de flor, um cheiro de jasmim, então ao abrir a porta avistaram uma cestinha com um lindo bebê, uma menininha linda com cheiro de flor. A mãe procurou em volta da casa para ver se encontrava quem havia deixado a menina em sua porta mas não avistou ninguém.

Pegou a cestinha e levou para dentro de casa, pediu a um dos meninos que fosse até a vizinha que tinha um bebê e emprestasse um pouco de leite para dar para a criança. A vizinha muito curiosa veio até a casa trazendo o leite e uma mamadeira e logo já começou a falar: — Vocês não podem ficar com esta criança, não tem alimentos suficientes para vocês, seu marido está doente, e não pode trabalhar, como poderão sustentar mais um criança?

A mãe olhava para a linda menina e pensava no que fazer, a vizinha estava certa, mas e se Deus tivesse mandado a menina de presente para ela já que nunca conseguiu ter uma! Sentindo o aroma suave de flores, o pai saiu da cama e veio ver o que estava acontecendo, logo estranhou que os meninos estavam todos quietos apenas admirando a menininha que dormia tranquilamente em sua cestinha.

Vendo o olhar de amor da mãe para a menina, o pai e os meninos agradeceram a vizinha pelo leite e pelo conselho e disseram que iam cuidar da criança, seria filha deles, afinal de contas quem cria cinco cria seis diziam se abraçando e sorrindo.

A vizinha foi embora achando tudo muito estranho, fazia muito tempo que o homem não saía da cama, nunca vira os meninos tão comportados e a mulher demonstrava uma paz como a muito não sentia.

Os anos foram passando e a menina foi crescendo, o pai voltou a trabalhar para que não faltasse o leite para a pequena, não sentia mais dores, os meninos começaram a ir

para a escola pois queriam aprender para ter o que ensinar para a irmãzinha, não bagunçavam mais, ajudavam o pai no serviço e a mãe nos afazeres domésticos.

Estavam todos mudados, aquela menina que veio não se sabe de onde transformara a vida da família, quem seria ela? Os pais a batizaram de Jasmim porque, inexplicavelmente, exalava o perfume da flor.

Quanto mais crescia mais linda e perfumada ficava! Então se espalhou que a menina era lindíssima e tinha muito perfume, o que chamou a atenção das autoridades. Chamaram os pais para uma reunião e queriam saber tudo sobre a menina. Eles não sabiam muita coisa, sabiam apenas que ela era doce, meiga e muito perfumada e que desde que chegara a sua casa milagrosamente suas vidas haviam mudado. As autoridades quiseram ficar com a menina para estudar o fenômeno, mas a mãe chorou muito e não permitiu. Deus lhe dera a menina e só ele poderia pega-la de volta. Então chegaram a um acordo, iriam uma vez por semana a casa dos pais para conversarem com a menina e ver o que descobriam.

Vieram cientistas de várias partes do mundo, médicos, psicólogos, mas ninguém conseguia descobrir nada de anormal. Vendo as condições em que a família vivia, se compadeceram e deram a eles uma casa nova, grande, com vários quartos. Outros resolveram dar cestos básicos para ajudar o casal tão amoroso com os filhos. Veio uma empresa nova para a cidade e deram um emprego muito bem pago para o pai.

Desde que Jasmim chegara na vida deles só coisas boas aconteceram, a alegria, a saúde e a esperança ressurgiram. Jasmim era muito carinhosa com os pais, com os irmãos, com todos que a conheciam.

Quanto mais crescia mais exalava aquele perfume suave de jasmim, gostava de tomar água e um pouco de sol, sua pele era muito branquinha, era linda com as flores do jardim que sua mãe cuidava com muito amor. Jasmim estava sempre ao lado de sua mãe mas estranhamente, a mulher tinha uma sensação que ela iria embora da mesma forma que chegou, e certo dia a menina a abraçou forte e disse: — Mamãe quando você não me ver mais não se preocupe, estarei sempre perto de você, serei sempre sua companhia como pediu a Deus, não fique triste quando isto acontecer, olhe em volta e me verá, cumpra minha missão que era mudar sua vida e fazê-la feliz.

A mãe estranhou a conversa da menina e aquele abraço, parecia estar se despedindo. Abraçando-a disse que a amava demais e que ela realmente havia transformado a vida dela e de toda a família.

A noite chegou, os irmãos chegaram, abraçaram a irmã como sempre e foram dormir, o pai deu o beijo de todas as noites na menina e igualmente foi dormir, a mãe não queria ir dormir estava pensando na conversa que tiveram a tarde, a menina nunca havia falado daquela maneira.

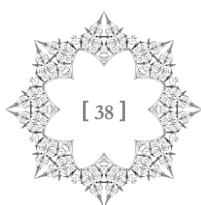
— Posso dormir com você esta noite minha menina?

— Claro mamãe, vamos dormir abraçadinhas.

Cansada dos afazeres do dia, a mãe adormeceu abraçada a pequena e perfumada filha. Ao amanhecer o sol despertou a mãe com raios brilhantes entrando pela janela do quarto. Ao abrir os olhos, a mãe levantou-se rapidamente ao ver que a menina não estava na cama, saiu correndo chamando por ela. O pai e os meninos vieram todos correndo para ver o que havia acontecido, estavam nervosos e agitados, então a mãe os acalmou e pediu para que respirassem fundo e sentisse o perfume que estava vindo da porta da frente, correram para ver se era a menina e avistaram uma linda flor, um lindo jasmim havia crescido bem em frente a porta, lindo, perfumado... o pai e os irmãos saíram correndo para procurar a menina, mas a mãe sentou na varanda ao lado da bela flor e entendeu a conversa que tivera no dia anterior com a menina, ela não havia partido, era uma menina flor, um mistério que só Deus poderia explicar.

O pai e os meninos voltaram para casa e entenderam que ela entrou em suas vidas para que florescesse o amor e a esperança entre eles. A vida nunca mais foi a mesma, ao invés de ensinar aquela linda menina eles aprenderam muito com ela.

A menina veio em forma de mistério, fez florescer o amor, plantou paz e alegria e partiu voltando a ser o que sempre foi... uma menina flor.





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**A CIDADE DOS HIPOPÓTAMOS AZUIS**

**Por Thithi Johnson**

**Sobre a autora: Thithi Johnson é PhD e cientista de dados. Escreve e ilustra nas horas vagas. É autora e ilustradora dos livros infantis "A família de robôs ABC" e "O balão amarelo: uma aventura em cores", também disponíveis na língua inglesa, e está trabalhando em novos títulos para o público infantil e juvenil para o ano de 2022. Também ilustrou livros e capas de livros de autores nacionais.**

**Instagram: <http://www.instagram.com/thithijohnson>**

**N**a cidade de Selvageria, localizada no meio da floresta, viviam muitos tipos de animais. Tinham elefantes, girafas, macacos, pássaros e outros animais. Todos viviam relativamente em paz, compartilhando os recursos comuns da cidade. Piscinas naturais, sombra das árvores gigantes, comida em abundância.

Mas os hipopótamos azuis estavam infelizes. As piscinas eram pouco profundas e eles não podiam tomar banho de imersão. As árvores eram muito altas e eles não alcançavam as folhas, tendo então que se contentar com as folhas e frutas que caíam no chão. As famílias de hipopótamos se reuniram um fim de tarde para conversar suas angústias. “Minha cabeça tem uma crosta de sujeira, porque não consigo lavar,” reclamou Hipolina. “Meu filhote não quer brincar nas piscinas naturais com os filhotes de elefantes, porque eles são maiores e a brincadeira não dá certo!” exclamou Hopopó.

O grupo de hipopótamos fez um pedido de adequação das piscinas para o prefeito da cidade, Sr. Elefanésio. O pedido foi rejeitado. “Não temos recursos para atender a pedidos tão específicos como esse,” respondeu. “Vamos então criar nossa própria cidade,” falou Hopopólito para seus amigos em uma reunião no mesmo dia. “Cavaremos piscinas mais fundas, procuraremos árvores mais baixas. Construiremos tocas para nos esconder do sol.”

E assim foi. As famílias de hipopótamos azuis saíram em busca do local perfeito. Depois de andar por um bom tempo pelas pradarias, acharam um oásis com piscinas naturais de água morna, cheio de sombra ao redor. Logo se instalaram lá. Construíram tudo o que precisavam para atender aos pedidos da população. A nova cidade foi batizada de Hipopotamópolis.

Um longo tempo se passou e a cidade não estava crescendo muito, já que os hipopótamos demoram a ter filhotes. Para compensar a falta de novas amizades no local e a saudade dos que foram deixados na cidade antiga, as famílias convidaram seus amigos a morar lá também. Vieram elefantes, girafas, pássaros, macacos e vários outros.

No início, tudo era só alegria. Rever os amigos, bater papo para saber das novidades, festinhas na beira da piscina. Mas logo alguns dos novos moradores começaram a reclamar dos serviços oferecidos. As piscinas eram muito fundas, e os elefantes não conseguiam usar. As garagens tinham o teto muito baixo, então as girafas



não conseguiam estacionar seus veículos. Os macacos reclamavam do barulho dos pássaros, que moravam nas mesmas árvores.

“E agora, como vamos agradar todo mundo?” se perguntava Hipopólito, que se tornou o prefeito por votação unânime. Quando todos se recolheram para a noite, Hipopólito se sentou na beira da piscina central, e ficou lembrando como era a vida na cidade anterior e todas as limitações enfrentadas pelos hipopótamos. Refletiu sobre todos os benefícios que eles criaram em sua própria cidade. E também considerou as reclamações dos bichos que vieram se juntar a eles.

Uma assembleia geral foi convocada. Os moradores se reuniram no centro do oásis. “Amigos, após pensar muito sobre nossa cidade, tenho uma proposta para melhorar a vida de todos.” Os animais se olharam, ansiosos pela proposta do prefeito. “Sugiro que, juntos, adaptemos os serviços e casas da cidade para todos os animais. Construiremos piscinas menos profundas ao lado das piscinas de mergulho. Construiremos casas mais altas para os bichos maiores e tocas mais escuras para os bichos que precisam da escuridão. Traremos mais árvores da floresta para ter mais separação entre as moradias e melhorar o nível de barulho, e também criar mais sombra para todos.” Os bichos aplaudiram a proposta do prefeito, e a maioria se comprometeu em trabalhar para o bem comum. Os que se recusaram voltaram para a cidade de Selvageria.

Algum tempo depois, quando toda a cidade recebeu as adaptações prometidas, houve uma grande festa, onde o novo nome da cidade também foi inaugurado: Tamópolis.

Uma certa manhã, Hipopólito recebeu a visita inesperada de uma grande coruja marrom. “Ó grande coruja de olhos amarelos, a que devo tão nobre visita?” As corujas eram as guardiãs da floresta, e se mantinham separadas das cidades, mas de olhos e orelhas abertos a tudo o que acontecia. “Vim trazer um aviso. Ouvimos que o prefeito de Selvageria vai tentar invadir e tomar esta cidade amanhã. Eles não gostaram de saber de todas as melhorias que foram feitas e querem poder usá-las e incorporar a sua cidade a deles.”

Hipopólito, muito surpreso, disse “Mas somos um grupo de animais pacíficos. Isso é uma tragédia! Nós temos que salvar a nossa cidade!” exclamou, com as patas à cabeça. A coruja o acalmou, e contou o plano que tinha para ajudar.

No dia seguinte, ao amanhecer, um grupo de animais de Selvageria começou a chegar perto de Tamópolis. Vinham com bandeiras e cartazes dizendo “A cidade é nossa”. Vinham marchando com muita determinação, até que chegaram à entrada da cidade e se depararam com toda a população os aguardando, lado-a-lado, formando um paredão. E mais importante, uma alcateia de leões, que foi convocada pelas corujas guardiãs, na frente de todos. Os animais de Selvageria viram a recepção que os aguardava, deram meia volta e partiram para sua cidade rapidamente. Desde esse dia, os moradores de Selvageria não chegam perto de Tamópolis, que, por sua vez, vive em tranquilidade com a supervisão das corujas e os leões guardiões da floresta.

“Agora, vamos curtir nosso banho em paz”, disse Hipopólito antes de pular para dentro da piscina com seus amigos e curtir o resto do dia.





**APRESENTAMOS O MINICONTO**  
**A LUZ DE UMA ESTRELA**

**Por Zodja Rego Barros**

**Sobre a autora: Zodja Rego Barros, nasceu em Palmeira dos Índios/AL em 13.10.1969, despertou o gosto pela leitura, escrita e idiomas na infância e adolescência, formada em Odontologia com especialização em Ortodontia e pós-graduação em Vigilância em Saúde e Gestão em Vigilância Sanitária, manteve o gosto pela leitura e escrita desperta durante a pandemia de coronavírus em 2020 como um novo olhar para o mundo atual.**

**A** Estrela do Natal é uma criança muito amada que faz a alegria de sua família que traz muita luz a todos, sendo assim o natal se aproximava e a pequena Estrela precisava de uma árvore de natal, então ela e seu papai foram à floresta escolher a melhor árvore para noite de natal, escolheu a mais bela, tinha que ser a melhor, afinal era para um momento histórico e diferente, chegando lá, viu uma exatamente preencheu seus olhos e logo falou: esta é perfeita, vamos levar com alegria nos olhos colocou no carro e levou feliz para casa.

Ao chegar, ela mesma transportou a árvore em um carrinho que era maior do que ela, contudo o desejo do natal com sua família era sua motivação.

Ao entrar, escolheu a sala como o melhor lugar para árvore permanecer e iluminar, correu para enfeitar e pôr as velas para acender na noite de natal.

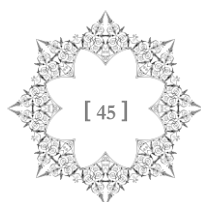
Cada detalhe tinha uma intenção, uma fantasia misturada com magia; neste momento, esqueceu tudo que estava acontecendo, porém manteve os cuidados de limpar tudo porque ela tinha seu avós que eram frágeis no enfrentamento da pandemia, mas os queria por perto, tinha muito amor e lembrava sua vovó contando histórias e cantando nas noites de natal, porém tudo havia mudado pela pandemia, contudo sua vovó teve a ideia de gravar suas histórias e cantar no celular e projetar na televisão que já possuía tecnologia para isso; com isso foi possível manter os costumes e alimentar o coração de todos que estavam ali, sabendo que tudo é possível quando tem amor.

Assim chegando o Natal, todos procuraram alimentar a alma da pequena Estrela para iluminar a grande noite na varanda de sua casa, uma mesa com poucas pessoas porque era a pandemia de um vírus e assim todos precisavam se proteger, mesmo assim a alegria da pequena Estrela que sorria e brilhava, mas não sabia o que estava acontecendo, porém com os poucos amigos e familiares que estavam no mesmo isolamento social, apreciava os lampiões, a lareira e a pequena Estrela acendeu as velas da árvore de natal com um sorriso.

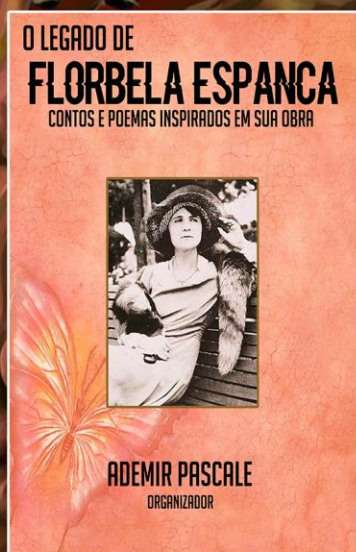
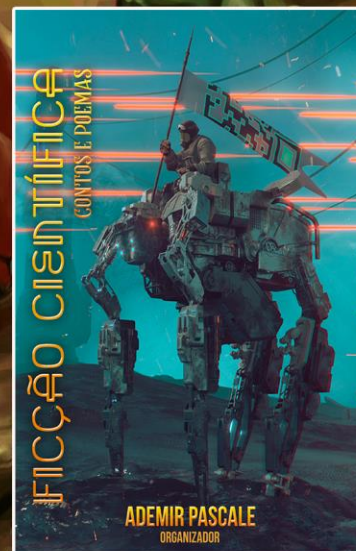
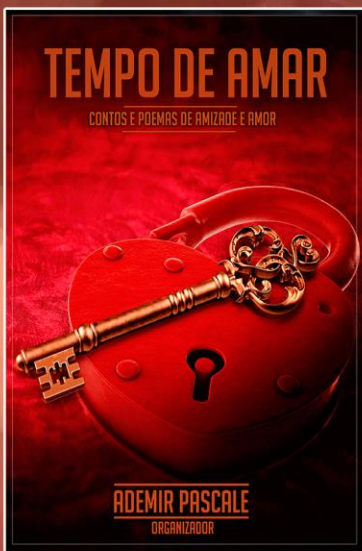
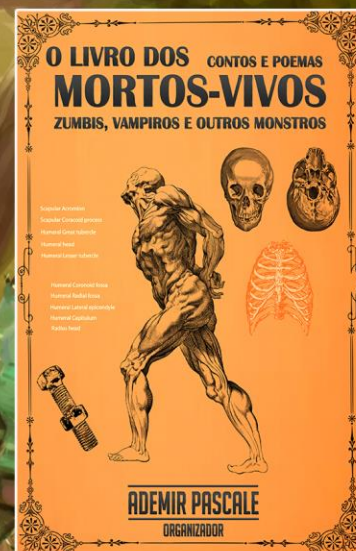
As luzes por meio das velas iluminavam a casa e para a alegria da pequena Estrela, o natal acontecia na varanda de sua casa, ela via todos a sorrir e comer, mal sabia que o vírus poderia estar ali, contudo a magia do natal construiu a harmonia do ambiente que por horas esqueceram o problema da pandemia, festejando com a penumbra dos lampiões clareando os rostos de todos.

Algo intrigava a pequena Estrela, se questionava por que as máscaras precisavam ficar no rosto, retirando para comer com muita calma, limpando as mãos com álcool e

alguns lavando as mãos com água e sabão, tendo cuidado com as máscaras; ela colocou a sua em um porta máscara adequado e os outros assim fizeram também; os pratos da ceia de Natal foram servidos individualmente porque todos precisavam de proteção, mesmo assim tudo estava radiante porque como no sonho de natal, toda magia é possível, mesmo diante de uma grande pandemia quando o amor está presente.



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



**BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS**

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)

SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)

E-MAIL: [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**